



PUBLICAÇÕES PERIÓDICAS
AUTORIZADO A CIRCULAR
EM INVOLUCRO FECHADO
DE PLÁSTICO OU PAPEL
PODE ABRIRE-SE PARA
VERIFICAÇÃO POSTAL
DE05582008GRC



Gaiato

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário • Fundador: Padre Américo
Director: Padre João Rosa
Director-Adjunto: Américo M. S. Carvalho Mendes

20 de Novembro de 2010 • Ano LXVII • N.º 1740
Preço: € 0,33 (IVA incluído)
Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato • 4560-373 Paço de Sousa
Tel. 255752285 • Fax 255753799 • E-mail: obradarua@iol.pt
Cont. 500788898 • Reg. D. G. C. S. 100398 • Depósito Legal 1239

OUTONO

Padre João

UM vento desalmado fustiga fortemente as árvores da nossa avenida. As folhas desprendem-se aos milhares e voam acabando por repousar no chão, vencidas. É a chegada do Outono; o prenúncio da invernia. Os plátanos e os frondosos carvalhos ficam despidos; a sua sombra, benfazeja, também se despede de nós até que a Primavera regresse, de novo, cheia de seiva e de vigor.

Esta movimentação cíclica da natureza é um espectáculo de beleza e cor, digno de ser visto e apreciado... A contemplação desta realidade, interiorizada, faz-nos reflectir sobre nós próprios e o mundo que nos rodeia. O tema é tão antigo como o homem: «tudo passa, nada permanece...». Mas para o homem crente Deus permanece para além de toda e qualquer mudança ou especulação. E o místico conclui: «Só Deus basta».

De outro modo o afirmou Bento XVI em Barcelona, no seu propósito de reconduzir a Europa às suas raízes, à sua Matriz: «Deus faz sentido...». Agora e sempre – dizemos nós – com o assentimento da Virtude.

Aqui, a “invernia” ultrapassa as previsões atmosféricas: é de outra ordem por estar em causa o Ser e o Agir... Também, ontem – naquela que já foi por todo o “orbe” conhecida como «a Católica» – Bento XVI, ao presidir à cerimónia da Dedicção da Basílica da Sagrada Família, em Barcelona, partindo da sua beleza arquitectónica, questionou a auto-suficiência de uma sociedade cada vez mais centrada na técnica, afirmando que: «a beleza é a grande necessidade do homem, é a raiz da qual brota o tronco da nossa paz e os frutos da nossa esperança». A beleza desta Basílica ajuda a mostrar ao mundo o rosto de Deus que é amor e o único que pode responder ao desejo de plenitude do homem – afirmou o Papa.

Numa Europa egocêntrica, com uma fisionomia alterada por um laicismo “ácido” e um secularismo corrosivo, faz-nos bem regressar às fontes bíblicas donde brotam, cristalinas, a nossa forma e a nossa alma; refontalhar o nosso coração e o nosso destino como cidadãos e crentes: «antes de surgirem as montanhas, antes de nascerem a terra e o mundo, desde sempre e para sempre Tu és Deus... Mil anos diante de Ti, são como o dia de ontem, que passou, ou como uma vigília da noite. Tu os arrebatas como um sonho, ou como a erva que de manhã verdeja, como a erva que de manhã brota vicejante, mas à tarde está murcha e seca... A duração da nossa vida poderá ser de setenta anos e, para os mais fortes, de oitenta... Ensina-nos a contar assim os nossos dias, para podermos chegar ao coração da sabedoria... Volta Senhor! Até quando...? Tem compaixão dos teus servos. Sacia-nos pela manhã com os teus favores, para podermos cantar e exultar todos os dias...» (Sl 89, 2. 4-6; 10. 12-14). □



BENGUELA

Padre Manuel António

16 de Novembro de 1963

FOI há quarenta e sete anos! Dormimos a primeira noite, em Benguela, em 16 de Novembro de 1963, no meio de 42 rapazes. Foi a prenda que nos deram, quando chegámos. O acolhimento, da parte da população, está muito vivo. À medida que fomos aparecendo, os corações abriam-se, de modo muito sensível, no seio da comunidade europeia. Pai Américo com a Obra da Rua encheu Portugal. Por isso, onde vivessem os portugueses, Pai Américo e as Casas do Gaiato também estavam. É a razão da grande alegria na densa comunidade portuguesa residente nesta zona litoral de Angola, com o centro na cidade de Benguela e Lobito. À medida que a acção da Casa do Gaiato irradiava para o seio do povo local, entrou a fazer parte da família africana. A construção da nova Aldeia da Casa do

Gaiato tem a marca muito viva do amor dos empresários e da população, em geral.

O povo de Portugal, pelas mãos da Obra da Rua, esteve sempre muito presente no alicerce da nossa Casa do Gaiato de Benguela. Agora continua a manter acesa a chama que, há 47 anos, ajudou a fazer. Quem dera esteja sempre viva! Faço presente uma carta amiga, chegada há poucos dias: «Em primeiro lugar quero pedir a Deus que vos continue a encorajar na continuação da Obra formidável iniciada pelo nosso saudoso Pai Américo. São enormes as dificuldades materiais e humanitárias. Venho, ao menos, enviar um contributo monetário que possa aumentar, um pouco, a esperança da aquisição dum novo tractor, muito necessário para o cultivo das terras. Aproveito para pedir uma oração pelos mais

carenciados». É um amigo conhecido, de Coimbra, que deseja caminhar connosco. O cheque de mil Euros já foi para o Banco. É um sinal eficaz, como foram os cinco pães e dois peixes, naquele tempo, para matar a fome a uma multidão de gente. Quem não tem cinco pães? Quem não é capaz de dar dois peixes? Quando cada um fizer o que pode para bem do seu semelhante, está a contribuir para o nascimento dum mundo novo. São verdades entendidas somente pelo livro da experiência.

Um pai bate à porta. Busca dinheiro para cobrir a sua casinha. Outro quer cimento para tapar os buracos que as águas fizeram na sua habitação. Há momentos, chegou uma mãe aflita, porque não tem dinheiro para pagar a renda da pobre casa onde vive e está em risco de ir para a rua. Há muitos mais pedidos à espera de ser atendidos. A hora vai chegar. A chuva mete medo a esta gente. E tem razão, porque as casas construídas não têm, no geral, a segurança necessária. O material é provisório. As casas desabam, dum momento para o outro. São as habitações duma parte considerável das famílias dos nossos bairros. Por outro lado, há um esforço notório na construção das casas com material definitivo. Estamos a ajudar, na medida das nossas possibilidades que dependem da generosidade dos vossos corações, a construção das casas das famílias mais pobres, com blocos de cimento. Há tanto que fazer! Mas não podemos desanimar! A confiança que nos permite caminhar para a frente com segurança nasce no dar as mãos cheias do amor que está nos vossos corações. □

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

ESCREVER para o *Património* é falar aos amigos. Dizem-lhes o que me vai na alma.

Chorar começa a ser habitual. Mas que hei-de fazer, se não chorar? Esta disposição nasce do peso dos pobres. Gemer como eles e pôr no jornal o seu doloroso, longo e infundável clamor!

Deixei de ajudar nas rendas de casa. É que inadvertidamente, passei cheques sem cobertura. Quando o banco me telefonou, estremei e prontifiquei-me a cobrir o *déficit* naquele dia.

O correio trouxe-me do Estoril, um cheque de 5.000€ e alguém que conhece a dificuldade que há na distribuição inteligente de bens e de donativos. Eu já tinha vencido a dificuldade do trabalho. Os bens foram repartidos sem ninguém dar por isso. Só Deus!... E eu depois!...

As pessoas vêm até mim, esperançosas e regressam amarguradas, atirando a própria carga para cima de mim. Eu fico esmagado. Nunca pensei, na minha vida, passar por dias tão maus. Que virá aí, com tudo a piorar?!

A gente, à sexta-feira, em regra, de quinze em quinze dias, faz aqui, em casa, distribuição de roupa e alimen-

tos. Na última aviámos oitenta e uma pessoas. Mas não há dia nenhum que não venham quatro, seis ou mais pessoas, desordenadamente, acicatadas pelas necessidades, pedir-nos ajuda. E nós damos. Temos tido sempre que dar. Também nesse aspecto, estamos nas mãos da Providência Divina e temo-las sentido bem quentinhas, arpepiando-nos com a sombra sobrenatural.

Algumas receitas médicas levam ordem para serem aviaadas, não à custa do *Património* mas da Casa do Gaiato de Setúbal.

As rendas de casa é que estancaram.

Um dia destes, eram onze as mães de família à minha espera, cada qual com a sua cruz e documentação e, muito raramente, passam dias, sem que eu seja abordado com uma, duas ou três rendas de casa.

Vejo por aqui, que Setúbal, nestas últimas décadas, nunca viveu um período tão duro e com tão poucas perspectivas.

Há muita gente analfabeta, sem preparação profissional, sem hábitos de trabalho, sem nível humano, pasto fácil, do movimento de submundo que mina como um vulcão submerso, arrasando implacavelmente quantos apanha. É a

droga, a prostituição, o alcoolismo, o roubo e o assalto, a vida fácil e sem sentido.

Um grupo de Leitores d'O GAIATO tem-se unido a mim, sofrido e ajudado. Contudo o seu número não é tão vasto como era necessário ou poderá mesmo parecer.

Alguns vêm três, quatro ou cinco vezes por ano, outros, todos os meses, diversos de vez em quando, mas são sempre os mesmos. Vejo por aqui que o Reino dos Céus é bem pequenino.

Há mensagens seladas como próprio esforço, que nos confortam pela fé e comunhão reveladas: «Ao ler a crónica, na última edição de 23/10/2010 não consegui, por tudo o que li e por tudo o que vou lendo, vendo e ouvindo ficar indiferente, envio-lhe uma importância (...) envio-lhe ainda, se me permite, uma palavra de ânimo nesta luta “desigual”», 450€.

«Penso na Casa do Gaiato e em si, mas tenho outras preocupações. Vai a ajuda possível», 1.500€.

«O apelo último, cristão e responsável e mais possível», mil euros, a mesma quantia de Jeremias, de Gondomar, de Arcozelo e da Ordem Terceira de Nossa Senhora do Carmo de Setúbal.

Continua na página 3

CONFERÊNCIA DE PAÇO DE SOUSA

Américo Mendes

OS TEMPOS MUDARAM, A OBRA E OS POBRES FICAM — Nas mensagens que me chegaram nos últimos dias reencontrei, com muito gosto, agora num apreço antigo pela Obra da Rua, pessoa amiga e colega doutras andanças. A ela, à D. Nazaré Martins, do Vale da Amoreira, e a todos os outros que nos fizeram chegar as suas mensagens de amizade, um Muito Obrigado. Dizia-me essa amiga na sua mensagem que ainda é «do tempo em que comprava o Jornal aos rapazes no eléctrico ou no autocarro. Os tempos mudaram, a Obra e os pobres ficam». Nos tempos que correm vai-se falando cada vez mais de pobreza e vão surgindo de vários lados iniciativas — algumas com uma espécie de “marca registada” para prestígio de quem as promove — que se anunciam como formas inovadoras de combate à pobreza. Como os tempos mudam, quem anda nestas coisas tem o dever de estar atento a essas mudanças e de ir fazendo tudo o que estiver ao seu alcance para ir adequando a sua acção a essas mudanças de modo a poder ser mais eficaz na sua ajuda às pessoas que serve. Por isso, é muito bom que surjam iniciativas inovadoras de combate à pobreza. O que já não é muito bom é que se reproduzam neste combate os estatutos do “rico” e do “pobre”. Por “rico” não estou a falar de quem se aproveita oportunisticamente deste combate para ganhar prestígio, ou até mesmo para enriquecimento pessoal. Sabemos que, infelizmente, há disso por aí. Por “rico” estava a pensar mais em todo aquele que, numa atitude conservadora, desdenha dessas iniciativas inovadoras porque acha que o que faz e como o faz está sempre bem e esteve sempre bem, não sendo nunca preciso mudar nada. Por “rico” também estava a pensar naquele que vem aí com uma moda nova no combate à pobreza, desdenhando de quem anda nisto doutras maneiras, há mais tempo, mas com muito amor ao Próximo, apelidando estes de “assistencialistas” que vão fazendo umas “coisinhas”, sem impacto efectivo na redução da pobreza. A sociedade em que vivemos e as que a precederam geram, em permanência, pobreza e exclusão social. O Estado sozinho não resolve o problema. As iniciativas privadas todas juntas sejam elas “inovadoras”, “assistencialistas” ou outras, por si só, também não resolvem o problema. Parece fatalismo e convite à inacção, mas não é. Do que aqui se trata é de apelo à humildade no que fazemos e dizemos e atenção ao Outro, em permanência, sobretudo ao Outro que mais precisa. Quando nestas coisas, como em tudo o resto, deixamos de ter esta atitude de pobreza no sentido evangélico do termo, está tudo estragado. □

MALANJE

Padre Rafael

Esperança

ERAM duas horas da madrugada quando senti uma dor muito forte no estômago e o levaram para o hospital de Malanje. Como não estava ninguém para lhe fazer uma radiografia ou simples análises de sangue, administraram-lhe um calmante. Às seis da manhã informaram a mulher e os irmãos que tinha falecido. Ultimamente trabalhava para o governo e foi, durante vários anos, secretário de um vice-governador da Província. Como muitos diziam: «Era um homem sem inimigos, o único inimigo que tinha era o álcool». Segundo as informações foi uma úlcera o que terminou com a sua vida.

Entrou na nossa Casa quando apenas tinha 10 anos. A Irmã Palácios acolheu-o durante um tempo, pois vivia com uma senhora desde que perdera a sua mãe, mutilada de guerra por uma mina anti-pessoal. Cresceu como tantos dos nossos filhos e chegou a ser um dos melhores chefes-maiores da nossa Casa. Passado algum tempo, ingressou no Seminário a preparar-se para o sacerdócio. Chegou a receber a ordem do Diaconado. Mas, por circunstância de vida, não chegou a receber o presbiterado.

Homem afável, atento, formado de uma capacidade intelectual surpreendente e com uma grande sensibilidade social, os que o conhecíamos, vislumbrávamos nele um grande homem que poderia ajudar este povo angolano. O seu nome Ti Rui; tinha apenas 35 anos quando a morte bateu à sua porta.

Uma vez mais, toca-nos sentir a realidade tão precária que se vive nestas terras e a quantidade de problemas que se escondem por detrás de cada vida. Uma vez mais, toca-nos ver como estas terras estão escravizadas pelo feiticeirismo e obscurantismo da magia. Demora tanto por se libertar, tanto por andar. Mas sobretudo uma vez mais pudemos constatar que a Casa do Gaiato é uma grande família, que perante as dificuldades se une. Foram muitos os gaiatos que contribuíram economicamente para apoiar o enterro. E tudo com uma naturalidade e um amor que saía pelos poros da pele.

Hoje é dia da Virgem de Pilar. Na minha terra, todos admiram Maria como uma Mulher pequenina e frágil que escolheu a melhor das colunas. Essa coluna é Jesus e, com Ele, a Igreja. Por isso, pessoas vindas de todos os lugares lhe oferecem uma flor para formar um manto de vidas e esperança que nos cubra a todos os que peregrinamos em qualquer lugar desta Terra, às vezes fria. Não te esqueças, Maria, de que teu manto chegue até esta minha Angola querida.

Já está connosco o Padre João Luís que está a passar um tempo em cada uma das Casas da Obra da Rua e desejou, para o fim, o prato forte desta nossa Casa do Gaiato de Malanje. A verdade, é que estes primeiros dias estão a ser alegres. Homem com uma grande profundidade e amor aos Pobres. É nosso desejo que neste tempo que vai conviver connosco o ajude em seu discernimento e termine por unir-se aos Padres da Rua. Precisamos de Padres com grande sentido Diocesano e uma opção preferencial pelos Pobres, dispostos a viver e a formar família com eles. Que o Espírito nos ajude a abrir, de par-em-par, as portas a este Padre, que manifesta esta vontade. □

Pelas CASAS DO GAIATO

PAÇO DE SOUSA

Alberto («Resende»)

DESPORTO — Mais um jogo. E desta vez, com os Juniores do Atlético Clube da Croca, da A. F. Porto.

Um jogo com duas partes completamente distintas. Nos primeiros 45 minutos, estiveram em campo, todos os chamados menos utilizados. Fizemos um jogão e o resultado. Jesus marcou o primeiro golo do encontro; Thierry, de cabeça, fez o segundo — um golo que fica para a história. Tudo que é feito com humildade e simplicidade, tem outro valor!

Na segunda metade do jogo, foi um desastre. Foi uma vergonha! Foram 45 minutos para esquecer, com todos os titulares em campo. Tudo cheio de vedetismo. Tudo cheio de truques e de tudo o que não interessa, com muito individualismo à mistura. Enfim! O Croca, acabou por fazer o 2-1 de grande penalidade.

É certo, que o adversário na segunda parte entrou mais forte e mais aguerrido, mas isso, não serve de desculpa. Quem nos valeu, mais uma vez, foi o nosso guarda-redes, António Pedro; Nelson fez o melhor jogo da sua vida — pudera... fez uma mistura de Braga com Gaiato; e, Ronaldo, continua ser um verdadeiro esteio e um poço de força — é incrível!

Uma semana depois, tudo foi diferente. «Não há fome que não traga fartura». Depois de alguns resultados magros e pouco convincentes, neste



Daqui, sai o segredo dos nossos resultados. Estarão a discutir a tática, ou o que vão fazer para o almoço?! Só eles é que sabem!

jogo, tiramos a barriga de misérias.

Recebemos a rapaziada do C. U. D. Levensense (Gaia), que como todos os outros, milita na A. F. Porto.

Gente impecável!

No que diz respeito ao jogo, tudo normal. Golos para todos os gostos. Só espero que alguns deles, não venham — mais uma vez — a fazer falta para outros jogos de «barba rija» que se avizinham. André Espanhol marcou o primeiro e o segundo — duas chapeladas. Logo tudo ficou a

dormir! Parecia que tinha acabado o jogo. Eles, que não estão habituados a «comer do sono», fizeram o 2-1 e 2-2. Em boa hora isso aconteceu, pois, os nossos Rapazes acordaram e, até final do jogo, ninguém mais os conseguiu parar.

Joaninha marcou (3) e outros tantos ficaram por marcar; Bruno (1) e um excelente jogo; Hugo, resolveu partir tudo e todos, marcou mais (3); com os dois de André Espanhol, foi uma fartura: 9-2. □

BENGUELA

César Daniel («Massauro»)

ESCOLA — As aulas já estão mesmo na sua recta final. Alguns rapazes já fizeram os seus exames finais. Refiro-me concretamente às classes da iniciação, 1ª, 3ª e 5ª classes. Os outros ainda estão a preparar-se para os seus exames que terão início no dia 15 do mês corrente, estes são os da 7ª e 8ª classes, e ainda outros que terão os seus exames mais tarde, no dia 29, também do corrente. Fazem parte destas classes os da 4ª, 6ª e da 9ª classes. A estes rapazes que ainda andam nas escolas tem-se pedido muito, que saibam aproveitar o seu tempo de estudo, porque o bem é sobretudo para eles.

VISITA — No dia 5 de Outubro recebemos uma comissão de alguns responsáveis do Banco BFA. Vieram conhecer a nossa Aldeia e os nossos rapazes. Visitaram algumas camaras, a Escola, o polivalente e, no final,

ofereceram-nos diversos produtos alimentares, o que vai ajudar o consumo do dia-a-dia.

Acreditamos que gostaram de ver a nossa Aldeia.

Para eles vai o nosso agradecimento e dizer que as nossas portas estão sempre abertas para os que nos querem visitar. Obrigado!

OFICINAS — As nossas oficinas têm dado passos muito importantes para a formação dos nossos rapazes, principalmente a área da serralharia e da electricidade, que os nossos rapazes normalmente têm escolhido para a preparação do seu futuro. Damos graças porque a elas não tem faltado trabalho, e isso é bom para os nossos rapazes que lá se encontram não ficarem sem fazer nada, e também damos graças ao nosso irmão mais velho, mestre Luciano, como é assim chamado, ou conhecido, pelos nos-

so rapazes, que tem mantido a nossa oficina da serralharia arrumada e tem também ajudado na preparação futura dos rapazes que lá se encontram. E na parte da electricidade também temos um bom número de rapazes que estão a aprender electricidade, com ajuda do nosso também irmão mais velho, mestre Moxico.

BIBLIOTECA — A nossa biblioteca tem sentido um vazio pela parte dos nossos leitores, infelizmente nestes últimos dias parece-nos que os nossos rapazes perderam o gosto pela leitura, apenas um ou outro é que tem utilizado a nossa sala, para ler ou pesquisar. É uma pena. Os nossos responsáveis da biblioteca (Massauro e o Pinto) pedem que apareçam mais leitores, para que a nossa biblioteca seja mais usada pelos nossos rapazes, porque a leitura ajuda no desenvolvimento da pessoa. □

MIRANDA DO CORVO

Alunos do Alternativo

SR. JÚLIO MENDES — A nossa comunidade, os seus colaboradores e Amigos tomaram conhecimento da partida, deste mundo, do Sr. Júlio Mendes, com 80 anos, a 24 de Outubro, Domingo, pela manhã.

Foi um dos Gaiatos dos primeiros tempos da Obra da Rua, pois veio para a nossa Casa do Gaiato de Miranda do Corvo a 7 de Julho de 1943, pela mão do nosso Pai Américo, e depois foi para Paço de Sousa a 16 de Agosto desse ano, com os primeiros Rapazes dessa Casa do Gaiato, no antigo mosteiro.

Foi fiel amigo de Pai Américo e grande servidor da Obra da Rua, como responsável da tipografia da Casa do Gaiato de Paço de Sousa e chefe de redacção do nosso jornal e

da editorial. Esteve nas iniciativas do Lar do Gaiato do Porto e do Património dos Pobres.

Grande amigo dos pobres, entregou-se à Conferência do Santíssimo Nome de Jesus.

À hora do seu falecimento, celebrava-se Missa em nossa Casa. Depois, no dia 25 de Outubro, segunda-feira, deslocámo-nos expressamente a Paço de Sousa.

Os Rapazes foram com a Sr.ª D. Nazaré e os Professores Paulo e Alberto, nos nossos veículos.

Participámos numa Eucaristia, pelas 15.00h, na Capela da Casa do Gaiato, apinhada de gente amiga, presidida pelo nosso Padre Manuel. Seguiu-se um cortejo, com enorme acompanhamento, pela Aldeia do

Gaiato, num carro antigo dos Bombeiros da Vila, pois serviu também essa causa.

Entretanto, foi celebrada outra Eucaristia, de corpo presente, na Igreja Paroquial de Paço de Sousa, completamente cheia, presidida pelo Sr. D. António Taipa, Bispo Auxiliar do Porto. O momento mais difícil que presenciámos, foi a despedida no cemitério, ao cimo, em campa de granito, próximo do sítio onde estiveram os restos mortais de Pai Américo.

A nossa comunidade sentiu muito esses momentos dolorosos. Quem bem serviu a nossa Obra e os pobres, descansa em paz!



SETÚBAL

Padre Acílio

PELO último jornal vimos todos os Padres a cantarem a Glória de Deus manifestada no nosso Júlio Mendes.

Confortou-me quanto li e aplaudo, com júbilo.

De propósito dei lugar aos que viveram mais tempo com ele e agora alegra-me com o revelado.

Costuma dizer-se que, por detrás de um grande homem está sempre uma grande mulher. Aqui também se aplica. A Emília foi até ao fim o seu auxiliar igual como lhe chama a Escritura.

A entrega do Júlio Mendes à Obra, à família, aos Pobres, à Igreja e à Sociedade nunca seria tão radical nem profunda se a sua Esposa não comungasse sempre com ele, animando. É o casal que resplandece e sobressairá quando ambos forem absorvidos pelo esplendor de Deus!

Tiveram cinco filhos. Todos tiraram cursos superiores e pela sua formação, cultura, habilidade e empenho marcam destaque na sociedade hodierna. Um deles tem sido embaixador, em todo o mundo, da universidade onde ensina; outro é, como os leitores sabem, Padre da Rua; o terceiro é professor e escultor com muitas exposições nacionais e algumas internacionais. Os outros dois são engenheiros e um deles fundou e dirigiu duas empresas nas Ilhas.

O Júlio foi meu confidente e amparo nos anos em que dirigiu a

Obra, o jornal e a Casa do Gaiato de Paço de Sousa. Ele conhecia tudo por dentro: — as coisas e as pessoas — mais do que alguns podem imaginar. De tudo partilhou comigo criteriosamente, pondo-me, fraternalmente a par.

A amizade tornou a cruz mais doce!... Foi meu cireneu!... Até breve, Júlio!

DIREITOS DE AUTOR — Convidado pelo professor José Crespo de Carvalho co-autor e coordenador de um livro intitulado *Logística e Gestão na Cadeia de Abastecimento*, escrito por catorze professores das universidades portuguesas, estive no Palácio Foz, em Lisboa, na sua apresentação.

O convite foi-me formulado de acordo com todos os autores, e os seus direitos de autor reverterão para a Casa do Gaiato de Setúbal.

O livro é técnico e científico, ao alcance de alunos destas cadeiras universitárias e de quantos o pretenderem utilizar para gerirem bem uma empresa.

Justifica o autor do convite que ele e outros colegas me ouviram, várias vezes no Algarve. A eleição deve-se ao seu apego, à cidade de Setúbal, à sua região e às suas empresas para as quais muito tem trabalhado.

«Elegi a Casa do Gaiato de Setúbal como a instituição que melhor futuro poderá propor-

cionar a todos os quantos dela dependem», diz no convite que me dirigiu.

É agradável realçar que nas Universidades do País desde o Minho a Lisboa passando por Aveiro, Beira Interior e Setúbal, as Casas do Gaiato da Obra da Rua mantêm o prestígio que lhes é devido.

FEIRA DA LADRA — De novo o Lions Clube de Setúbal empreendeu uma feira a favor da Casa do Gaiato aproveitando a data acostuada, rente aos Santos.

Há vários anos, que, com este evento, angariam 5.000€, os quais depois de um jantar em festa, depõem jubilosamente nas minhas mãos.

O tempo nos dias de feira, pôs-se mesmo agreste com vento, frio e chuva, mas os nossos amigos não esmoreceram.

É edificante contemplar pessoas de idade, homens e mulheres, animados pelo desejo de contribuir com o seu esforço para manter e melhorar esta obra que há tantos anos apadrinham.

A simpatia deles a nosso favor também se comunica a quantos vêm apreciar e adquirir os bens expostos.

Este movimento de afecto à nossa casa tem um resultado invisível, bastante valioso que não nos passa despercebido. □

DOCTRINA

Pai Américo



Sistemas

Continuação do número anterior

O autor não fala como os mestres de cadeira. Não irrita ninguém pela sua ciência. «A nosso ver», é o timbre da preciosa lição. É um parecer; uma opinião. Gosto da simplicidade. Ninguém se arrogue a última palavra, sobretudo quando se trata da ciência das almas. Há sempre que aprender. Podemos sempre melhorar.

NÃO gostei nada quando há tempos me disseram que alguém tinha impedido o documentário da nossa Aldeia de ser visto numa Casa de rapazes da natureza das nossas. Que não, disseram. Qual a razão? «Não convém. Outros métodos.» O relatório supracitado é um documento. Parece que outros antigos Asilos têm feito a mesma experiência com magníficos resultados...

NINGUÉM, com justiça, pode duvidar da recta intenção dos senhores que presidem, tão pouco dos bons serviços prestados a instituições de rapazes e de raparigas sem família. Ninguém. O defeito, a meu ver, reside na visão unilateral das coisas, a pontos de não se desejar erguer o «ovo de Colombo» depois de outros o terem feito, com muita felicidade. Mas não basta ficar por aqui. É necessário ir um bocadinho mais longe. Depois de erguer o «ovo» e observar o seu equilíbrio, torna-se necessário aos senhores que presidem, fazer um acto de humildade interior e glorificar a Deus por todas as Suas Obras.

Nós não fazemos nada. Nós não valem nada. Nós plantamos e regamos, mas o crescimento destas Obras vem de Deus. Obras aonde se toma em conta a alma do rapaz. A projecção vem da alma.

ONTEM, estiveram várias famílias na nossa Aldeia. De uma delas ouvi eu dizer da ternura com que o cicerone lhes indicou a cama do chefe e também o seu lugar à mesa: «Aqui é o nosso chefe». Assim revelava o pequenino cicerone aos visitantes a mais alegre verdade que lhe enchia a alma: «O nosso chefe. Aqui é o nosso chefe».

Jamais esta adorável criança sentiria a suprema alegria de se manifestar, estando sujeita a regulamentos; nem teria de quê, se não tivesse o seu chefe, eleito por eles, da massa deles.

ORA a meu ver, em comunidades desta natureza, deve-se colocar a criança no meio, que este é o lugar que Jesus lhe deu, quando de uma vez a quis distinguir. Ele é o Mestre! E somente ao depois de a termos colocado no seu lugar, é que devemos ir aos acessórios, às regras, aos regulamentos. A tudo quanto possa ser conveniente e útil para conservar sempre a criança no seu posto. *No meio*. Não vá a gente cair na desgraça de colocar no meio a disciplina... e fazer desgraçados. Tenho dito.

Do livro *Doutrina*, 1.º vol.

PATRIMÓNIO DOS POBRES

Padre Acílio

Continuação da página 1

«Encanta-me a maneira como trabalhais em favor deles, com o coração nas mãos e olhos abertos», 2.500€. Mais oitocentos de Urgez, alguém que se recolheu num lar. Mais 750€ de Maria Helena de Lisboa, 200€ de José Vitorino. A mesma quantia de Caldas da Rainha, de Torres Vedras e de Coimbra. 250€ do Estoril. 500€ «para atenuar as minhas aflições», mais 150 de Coimbra, cem euros de Pereira, de Sesimbra, de Maria Adelina, também de Coimbra, Castelo Mendo, Póvoa do Varzim e Cascais. De Mira, o João apresenta-se todos os meses com cem e, do mesmo concelho, um grupo da Presa manda 70€.

Uma vicentina do Porto, desabafa que «naquela cidade não há tanta pobreza como a que eu encontro em Setúbal, mas muita miséria moral e afastamento da igreja onde quase todos foram baptizados».

Dois antigos Gaiatos de Coimbra escrevem-me carinhosamente: «A forma como o Verbo continua a falar, se fosse no tempo da PIDE levava carimbo vermelho ou ia preso. Agora não vai preso por pôr a nu a vergonha nacional dos custos sociais improdutivos e destruidores do espírito de labuta e honrabilidade que os nossos Predecessores nos transmitiram», 150€. Outro: «Peço a Deus que lhe dê força, sabedoria e saúde para continuar a testemunhá-LO com as suas obras e palavras», 100€.

Continua Coimbra, da Rua Infanta D. Maria 100€. Maria Susana atrasou-se e preencheu dois meses, 100€. Cinquenta da Anuette de Santarém, da Adelaide do Montijo, da Maria dos Anjos da Albergaria-a-Velha, da Maria Lucília de Vila Nova de Gaia, da Maria Alice de Lisboa, do Hugo, e noventa de Bruscos e da Capelinha da Sagrada Família de Cascais. Outra vez quarenta da Maria Graziela e o mesmo de Alda Rei da Gafanha da Nazaré.

Sei e sinto que estes auxílios são sempre sacrificados. Ofereço-os a Deus e aos seus filhos mais sofredores e consolo-me em reparti-los racionalmente. □

PÃO DE VIDA

Padre Manuel Mendes

A perspicácia dos pequenos pode ser um bom tónico para os momentos mais duros da vida. Alguns deles, por estes dias chuvosos e dolorosos, em que o luzeiro do dia também tem brilhado com claridade, aproximaram-se ofegantes com uma pomba nas mãos, hirta e de olhos cerrados. O nosso encontro foi frutuoso, pois estavam preocupados com tal acontecimento e não quiseram deixá-la caída na relva junto à fonte. Levaram-na, depois, para um campo próximo e, assim, ajudar as verduras da horta a crescerem viçosas.

Foi uma interessante ocasião de enfrentar a páscoa de um

CATEQUESE — Como não podia deixar de ser, a catequese começou entre nós e bem precisamos destes momentos, semanalmente. Em Miranda do Corvo, há três grupos, sendo catequistas deles: a Mafalda, a Madalena, a Prof.ª Helena e a D. Cecília; e o Marco.

Em Coimbra, o João Marcos e o João Campos acompanham o grupo do nosso Lar do Gaiato.

CONSULTAS — Os Rapazes mais pequenos, que têm problemas de saúde, têm ido às consultas das especialidades no Hospital Pediátrico de Coimbra.

Vários têm sido consultados em medicina dentária, nesse serviço dos Hospitais da Universidade de Coimbra. □

dos pioneiros da Obra da Rua, cabouqueiro, no serviço aos mais Pobres, a que o Padre Américo deu corpo, em tempos difíceis, de tantas carências.

E deitou-lhe a mão, nos idos rigorosos de quarenta, depois do conflito no País vizinho e quando a II Grande Guerra apavorava o mundo. Rogaram-lhe de Elvas, na imensidão alentejana, de trigo e cortiça, que recebesse um pequeno, porque na sua lareira o pai partira cedo demais. De um naco belo, saído da pena do profeta que o acolheu, em Miranda do Corvo, este traço: «Vai se não quando, nota-se que o rapaz abraça um dos presentes, delirante de lágrimas e de gestos. — Que será isto, meu Deus?! Eram irmãos!»

Não tardou que lhe fossem confiadas responsabilidades, pois as necessidades do tempo esprevitavam e o carácter formava-se rectamente. Porque a saudade não estorva a confiança no Deus dos vivos, outro pequeno eco: «O Júlio de Elvas foi ontem à cabine de Cete falar para o Ministério da Economia. — Sou gaiato do Padre Américo; temos muito pouquinho milho. A voz da criança da rua a fazer a revolução nos próprios Ministérios! Na volta, o nosso pequenino mensageiro reproduziu tudo quanto de lá lhe disseram: — Era um senhor a falar muito grosso!»

O recoveiro dos pobres teve

neste homem, de verdade, pai e cristão, a sério, um amigo fiel no compromisso de serviço desinteressado aos outros, aos pobres, em cujo nome subscrevia os relatos vivos, com tiradas dos frágeis, como vicentino, de fé e acção pela justiça.

Na promoção dos mais fracos esteve sempre na linha da frente e o nosso jornal foi uma entrega exigente e permanente. Por isso, feliz daquele que cuida do pobre, no leito do sofrimento o Senhor o assistirá. Participou da paixão do Homem das dores e partiu, serenamente, para «estar com Cristo» (Fl 1,23). A Mãe de Jesus já o conhecia, com dezenas a fio.

Se para o Senhor todos estão vivos, no abismo que nos separa, bem sabemos que a sua semente forte lançada à terra, à vista de tantos amigos, nos derradeiros momentos, certamente vive num corpo novo, como o grão de trigo, das searas que deixou rapazito para fazer o bem até adormecer na esperança da Ressurreição!

Nessas horas difíceis, ficámos presos a olhar para a terra, sem tomar atenção às avezinhas e às estrelas do céu. Que nos perdoem... Está no Decálogo: *Honrar pai e mãe!*

Repetiu vezes sem conta a quem se encontrava: — *Vá com Deus!* Agora, está com Deus!

Mesmo para viver com Deus, está sempre no nosso rosto e conosco! □



MOÇAMBIQUE

Padre Zé Maria

A esperança não morre

VENHO de rezar a última oração da noite antes de escrever esta crónica. É um momento imprescindível para o adormecer. Durante o dia alguns momentos de oração passam em branco, e entro na pequena Capela do interior da Casa para ajoelhar e dizer sem palavras: Senhor tudo o que tenho feito e vou fazer é oração. É por Ti. E saio a correr, como quem diz, pois já não posso, ao encontro do que me espera.

Primeiro os recados para a cidade. Há materiais em falta, já pagos e ainda não chegaram ao vendedor. Semana a semana, esperando. Na serralharia, o trabalho está atrasado e é preciso todos os dias rever e passar a outro, porque nesta Casa nunca acaba. Na carpintaria é o mesmo. A madeira encomendada há um mês, não veio. O fornecedor diz que vai tentar negociar o camião, dando nós oitenta mil e ficando o resto para o ano. Não há dinheiro que chegue e a madeira está a render muito pouco; a melhor vai para a China. Falo com a Irmã e ela diz-me que só na quarta-feira, depois de verificar os saldos no Banco. Passo na mecânica. O Ivo está de saída para a vizinha África do Sul a comprar peças e pagar a

um Amigo o que devemos ainda das sementes do campo, do ano passado. Tem de ir à cidade trocar os meticais. Ao fim do dia diz-me que o dinheiro não chegou. É preciso levar mais e andou todo o dia a ver onde comprar melhor. É a guerra do câmbio. Sempre as coisas mais caras e o metical a não valer nada. Aqui não se fala na desvalorização. Só quando o Povo sai à rua, faz barricadas com pneus a arder e põe a cidade em estado de sítio. Depois, a Polícia atira a matar, mas não há desculpas. O governo promete ceder para o Povo continuar na esperança. Esta não morre. Vai morrendo ele. Deixou de se falar em acabar com a fome. Agora é a campanha verde. Mas a chuva não vem. Ninguém plantou nada. Nós temos tudo lavrado. Só isso. O Povo ainda.

À tarde desço ao pomar a ver as frutas. Vou com alguns rapazes. Se há laranjas no chão, mando apanhar. Pensam que é para comerem logo. As laranjeiras, devido às variações do clima, têm fruta quase madura e de vários tamanhos. Ainda têm flor. As mangas estão a crescer bem. Já as temos apanhado verdes, que caíram com o vento, para fazer «achar», um condimento indiano

muito gostoso. Líchias e abacates não há muitos, este ano. É preciso andar de olho.

Dali, subo à fazenda. Raramente entro na horta. Passo pelo gado. Soube que morreram mais dois burros. A falta de capim é o que está a causar. É como o Povo com a falta de comida. A propósito, soube hoje que o PAM se fez anunciar que virá dois dias, esta semana, ver se as Creches estão a funcionar. Talvez também para contar os velhos, a ver se ainda existem. Fosse eu a atendê-los, apetecia-me dar-lhes uma corrida. Mas sempre deve vir alguma coisa. Deixá-los. Sempre há esperança. Passo no viveiro a ver como estão as muitas plantas de fruta e de madeira, ali em crescimento. Os coqueiros vão nascendo. As chanfutas devem dar madeira com duzentos a quinhentos anos. Que importa. O calor esteve hoje a trinta e oito graus. Que bom para elas e com água. O sisal, café, nim, limoeiros, papaieiras, mangueiras, são tantas e ali perco-me. Chego à noite a Casa, depois de visitar os currais do gado de corte. Graças a Deus vai crescendo.

Não consigo fazer este percurso todos os dias. Há o poço que deu no basalto e a água não aparece. Há as obras na Massaca, Changelane e Individuane. São cinquenta e três quilómetros de caminho e mais vinte e quatro de idade. E aqui estou até que Deus me ponha fora. □

SINAIS

Padre Telmo

NORMALMENTE andamos todos muito afadigados com a nossa vida, o nosso futuro, o que temos, o mais que podemos ganhar, o que somos e como conquistar relações que nos sejam favoráveis.

Não vivemos o «aqui e agora», nem pensamos que somente ele nos pertence. O passado foi e o futuro não é nosso. Esquecemos esta verdade e deixamos entrar no coração a ambição de «ter», ter mais.

«Olhai os lírios do campo... olhai as avezinhas...» Qual? O nosso eu é que comanda — como se o «tempo» e as coisas fossem dele...

Recordo o *papá* Miguel que em pleno tiroteio encontrou três velhinhas e um grupo de meninos que tinham perdido os pais e os levou para sua casa. Nada tinha em casa! O Senhor mandou-lhe uma Irmã que através da Caritas providenciou. «Não acabou o azeite na almotolia nem a farinha no saco». O que vou comer amanhã? Quê, como os lírios crescem no campo!

Isto não quer dizer que façam como aquele homem que viu como um tigre alimentava, com a sua caça, uma raposa sem pernas. «Como Deus é bom e cuida desta raposinha! Vou sentar-me num canto da floresta e espero que Deus me alimente». Depois duns dias, já quase morto de fome, ouviu uma voz: — Procura na tua vida imitar o tigre e não a raposa.

Não penses no amanhã. Não é teu. No ontem, já não te pertence. O aqui e agora, isso sim, podes dá-lo ao Senhor e reparti-lo com os irmãos. Assim, será um tesouro! Não o guardes no teu cofre — no teu coração... se o fizeres, estiolará como a erva dos campos.

O Senhor deseja que partilhes com os irmãos: seja oiro, seja amor, também o pão.

Se Ele te chamar hoje, de que te servirá o tesouro? Clamará contra ti!

Aqui e agora..., se não atinares com o caminho; fecha os olhos e entrega-te nas mãos do teu Senhor. □

DA NOSSA VIDA

Padre Júlio

RESPONDENDO a um apelo — «ajude-me, padre!», fui.

O local de chegada, de onde partira a súplica, era o bairro mais pobre da cidade. As casas, as ruas e as pessoas estão lá, e mostram à evidência a degradação que é possível existir quando reina a injustiça. Se muita miséria doirada, em outros locais, tapa e ilude outra tal em que tantos vivem, ali nada se esconde, verificando quem entra que os homens não são, de facto, tratados todos por igual.

O mundo em que vivemos é sempre uma obra inacabada, e é um apelo constante à entre-ajuda entre as pessoas, chamando cada um à sua responsabilidade de fazer o bem dando a mão ao seu próximo. Nunca é suficiente o que faz o Estado, por muito bem que o faça, pois há sempre os que ficam na margem da sociedade, vítimas da sua condição por qualquer espécie de injustiça.

Se os que morreram sob a Torre de Siloé não eram mais pecadores que os outros que não morreram, estes que habitam esse local degradante, também não são mais culpados de lá viverem que os que lá não habitam. Buscar razões, não importa, convém sim que se vá dar a mão e levantar o que está caído.

A viela em que entrámos para chegar à porta de quem procurávamos, tem a preceder o seu nome o título de Travessa. Deveria ser um local de luz, como a toponímia indica, mas o sentimento que cria em quem lá passa, é de trevas.

Uma única divisão constitui a habitação. Cento e cinquenta euros são necessários, todos os meses, para lá ficar. Nem centenas ou milhares deles fariam alguém, com hábitos de vida normais, aceitar lá viver. Então porque fechamos os olhos, porque se cala a consciência nossa e a de quem tem maior responsabilidade? Nós temos um olhar para fora e um olhar que se volta para dentro de nós. Correspondamos aos bons apelos de um e de outro olhar.

A ajuda pedida era para acolhermos uma criança. Muitas portas já se haviam fechado a este apelo, e esta foi mais uma razão de peso para abrímos as nossas, de par em par, de pôr mais um lugar à mesa.

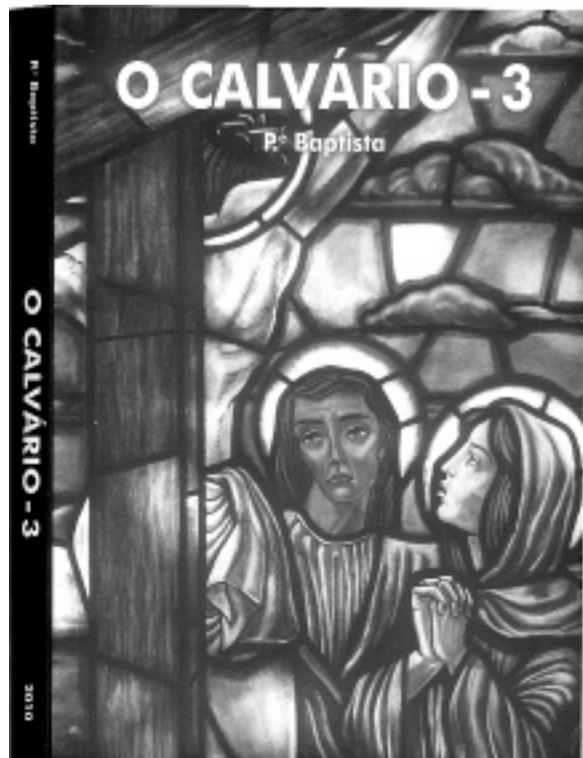
O caminho que nos levou foi o mesmo que nos trouxe de volta a Casa. Muitas crianças ficaram na rua, órfãos de pais vivos ou lixo que a injustiça social produziu. Esta, arrancámo-la de uma que, sendo trevas tem nome de luz, e outras arrancaríamos se nos deixassem e as deixassem ver a luz. □

PENSAMENTO

Pai Américo

A torre de Babel não chegou ao céu por ser errado o caminho que levava. A Obra do garoto da rua, sim. Outros alicerces, outra argamassa, outros caminhos. Não vai pelo orgulho; vai pela humildade. Não há confusão de línguas; há unidade de pensamento. □

Terceiro volume do livro «O CALVÁRIO»



Já fizemos chegar às mãos dos assinantes da nossa Editorial o novo volume do livro «O Calvário», do nosso Padre Baptista.

Os ecos da sua recepção e leitura já começam a chegar. Eis um testemunho.

«Não tenho palavras capazes de transmitir o que me vai na alma, depois que ontem recebi e sofregamente li “O Calvário”. Livro de oração, de meditação, de pacificação da inquietude do espírito perante o mundo de hoje tão contrário às maravilhas que este, pequeno em tamanho mas enorme no conteúdo, livro, nos oferece! Bem-haja quem mo enviou, pela felicidade que me ofereceu.»

Continuando a transcrever as palavras de quem as vai buscar ao coração, e por isso se aflige com toda a iniquidade, prossegue: «Que Deus continue abençoando a vossa obra, e abra os espíritos obtusos de quem se acha no direito de impor regras tão alheias às necessidades, tão absurdas, tão desajustadas à realidade de uma obra que é acima de tudo uma lição de vida.»

Todos os que o desejem receber em suas casas poderão fazer-nos o seu pedido.

A Editorial